


FANTASY E MITO EM

O Silmarillion,
DE J.R.R. TOLKIEN

JUDITH T. ARANTES



Editora
Mackenzie



FANTASY E MITO EM
O Silmarillion,
de J. R. R. TOLKIEN

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Reitor Marco Tullio de Castro Vasconcelos

EDITORA MACKENZIE

Coordenador Sérgio Silva Dantas

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Nabil Ghobril

Ana Alexandra Caldas Osório

Cecília de Carvalho Castro e Silva

Gianpaolo Poggio Smanio

Gildásio Jesus Barbosa dos Reis

José Geraldo Simões Junior

José Luiz de Lima Filho

Luiz Roberto Martins Rocha

Paulino Graciano Francischini

Ronaldo de Oliveira Batista

Rosangela Patriota Ramos

Valéria Farinazzo Martins

Judith Tonioli Arantes

FANTASY E MITO EM
O Silmarillion,
de J. R. R. TOLKIEN

© 2025 Judith Tonioli Arantes

Todos os direitos reservados à Editora Mackenzie. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Mackenzie.

Coordenação de produção editorial: Jéssica Dametta

Produção editorial: Camilla Soares Sales

Preparação de texto: Camilla Soares Sales

Revisão: Izabela Fernandes Simão

Capa, projeto gráfico e diagramação: Thiago Almeida dos Santos

Estagiárias editoriais: Isabelle Callegari Lopes e Bruna Silva de Angelis

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A662f Arantes, Judith Tonioli.
Fantasy e mito em O Silmarillion, de J. R. R. Tolkien. /
Judith Tonioli Arantes. – São Paulo: Editora Mackenzie,
2025.
220 p. ; 23 cm. – (Letras Mackenzie).

Inclui referências bibliográficas.
ISBN 978-65-264-1213-8

1. Fantasia. 2. Literatura. 3. Tolkien, J R R. 4. Estrutura
narrativa. 5. Mito. I. Título. II. Série.

CDD 808.8023

Bibliotecária – Responsável: Jaqueline Bay Inacio Duarte - CRB 8/9509

Editora Mackenzie

Rua Maria Antônia, 163 – 2º andar

Higienópolis – São Paulo/SP

CEP 01222-010

editora@mackenzie.br

www.mackenzie.br/editora

Editora afiliada:



SUMÁRIO

- 07** Introdução
- 17** A estrutura mítica na literatura
- 73** A obra de Tolkien: a estrutura e a essência da narrativa mítica
- 107** Fantasia: primeiras palavras
- 163** *O Silmarillion*: criação, queda e redenção
- 201** Considerações finais
- 211** Referências
- 215** Índice

INTRODUÇÃO



“Proponho falar sobre estórias de fadas, embora esteja ciente de que essa é uma Aventura temerária. Feéria é uma terra perigosa, e nela há armadilhas para os descuidados e masmorras para os audaciosos demais.” (Tolkien, 2020b, p. 17)

Estudar mitos na literatura sempre é um desafio. Os caminhos são tortuosos, enigmáticos, apresentam portas secretas, labirintos, esfinges e dragões, e nem sempre é possível encontrar alguma saída. Aquele que anda por essas estradas se pergunta com frequência qual é a função dos mitos e, ainda que existam muitas respostas, a questão ainda permanece e elude aquele que a profere, levando-o por caminhos que, embora já trilhados por outros, apresentam novas portas, novos contornos, novos desvios que seus predecessores não viram ou, talvez, não prestaram atenção.

Nas trilhas por respostas, percebe-se que as pessoas precisam do mito, mesmo que algumas não admitam isso em alta voz, mesmo que escolham alternativas mais racionais e com menos labirintos. Contudo, tamanha é a necessidade de mitos que eles ainda permanecem no imaginário humano e tomam novas formas, são reescritos, e seus elementos – para usar aqui uma das considerações de Tolkien (2020b) em “Sobre Estórias de Fadas”¹ – são retirados do Caldeirão das histórias e reutilizados, recombinaados, formando novas histórias com sabor de mitos antigos. Isso se confirma no mito do rei Arthur, por exemplo, já relido de tantas maneiras, recontado

1 Estudo teórico de Tolkien acerca da função das histórias de fadas. Analisaremos com mais atenção essa obra no capítulo que trata da literatura de fantasia.

de outras tantas, mas sempre com elementos que são peças-chave da história.

A literatura, por sua vez, reconta o mito. Não apenas recontar, ela lhe atribui novos significados e o utiliza para seus próprios fins estéticos. Tal como Alice, nos encontramos em um salão com várias portas e precisamos escolher por qual entrar. Talvez tenhamos que diminuir nosso tamanho, ou nossas intenções, talvez precisemos comer algo que nos faça crescer para alcançar a maçaneta da porta pela qual desejamos entrar. Quando a literatura reutiliza os mitos para seus fins, estamos na sala com as portas, como Alice na sala que a levaria ao País das Maravilhas. Nosso coelho branco entrou por uma delas e devemos segui-lo. O que nos diz a literatura que escolhemos estudar? Como forma de arte, a literatura é extensa e engloba diversos tipos de narrativa, escolas, teorias, escritores, entre tantas outras coisas, e assim podemos nos perder em meio às diversas portas e possibilidades de estudo.

Entre essas opções, escolhemos aquela para a qual ainda existem ressalvas: a literatura de fantasia. Por si só, essa porta nos conduz a um lugar espaçoso, mas um tanto sombrio e até difícil de definir. Isto porque, como gênero, não há uma variedade de estudos sobre ele, como a comédia ou o romance burguês têm, por exemplo. Ao entrarmos por essa porta, nos deparamos com Fangorn², uma floresta escura na qual, quem sabe, encontraremos um Ent³ que pos-

2 A Floresta de Fangorn é onde vivem os Ents na obra *O Senhor dos Anéis* (2019b). Trata-se de uma floresta antiga, sombria, misteriosa, na qual até os seres mais vis daquele mundo têm medo de entrar.

3 Ents são seres formados por Erú Ilúvatar a pedido de Yavanna. Após permitir que os Anões criados por Aulë vivessem, Ilúvatar concedeu a Yavanna que as árvores e os animais tivessem alguma proteção. Por isso, foram criados os Ents, protetores de toda forma de vida vegetal em Arda.

sa nos ajudar, tal qual Merry e Pippin em *O Senhor dos Anéis* (2019b) – nosso próprio Barbárvore, que nos conduzirá para fora dessa mata.

Saímos de Fangorn e devemos escolher outro caminho ao fim dessa floresta, um que pode nos levar a Isengard⁴ ou a Rohan⁵ ou ainda a diversos lugares na Terra-média. Antes, contudo, precisamos nos perguntar: qual é a função do mito na literatura? E, mais especificamente, por que estudar os mitos na literatura de fantasia? Seria possível afirmar, e esperamos aqui que nossos olhos élficos não nos enganem, que a literatura traz consigo alguns elementos e conceitos já há muito presentes em narrativas antigas, como nas histórias bíblicas e tragédias gregas? Esse caminho é, já à primeira vista, tortuoso, cheio de perigos e rochas, orcs e wargs. Entretanto, é por ele que chegaremos à Montanha Solitária⁶, onde, quem sabe, encontraremos nossa Pedra Arken⁷.

Para que possamos avançar, precisamos nos munir de instrumentos que nos auxiliem. O primeiro desses é o conhecimento das narrativas que compõem *O Silmarillion* (2019c), obra de J. R. R. Tolkien sobre a qual nos debruçaremos, a fim de identificar não apenas quais mitos são recontados ali, mas o pensamento, ou, utilizando um termo adotado por Northrop Frye, a *dianoia* por trás

4 Lugar construído pelos Homens e no qual ficava Orthanc, a torre em que Saruman, um dos Ístari enviados do Oeste, estabeleceu sua habitação na Terra-média. Os Ístari eram seres de grande poder enviados de Valinor para auxiliar os povos da Terra-média em sua luta contra Sauron e passaram a ser chamados, entre outros nomes particulares, de magos.

5 País cuja capital era Edoras e no qual habitavam os Homens denominados de Rohirrim.

6 A Montanha Solitária, Erebor, foi um reino anão muito rico. Tal riqueza atraiu um dragão chamado Smaug, que matou muitos anões e estabeleceu ali sua morada. Nesse tesouro roubado, havia a Pedra Arken, a Pedra do Rei dos Anões, e objeto de busca em *O Hobbit* (2019a).

7 A Pedra Arken, referenciada n' *O Hobbit* (2019a), e chamada também de “Coração da Montanha”, era uma gema de valor inestimável encontrada na Montanha Solitária, onde ficava o reino anão de Erebor.

das narrativas na obra – o que os mitos ali recontados expressam. Esse conhecimento da obra será feito no decorrer da discussão tanto sobre os mitos e como sua estrutura aparece na literatura como no decorrer do estudo acerca da literatura de fantasia. Assim, discorreremos sobre as estruturas míticas identificáveis na obra e veremos de que forma elas se caracterizam ou podem ser classificadas como literatura de fantasia.

A primeira fase de nossa jornada rumo a Erebor nos conduz pelos caminhos míticos – aqueles presentes no imaginário humano há milênios. Nessa jornada, teremos a oportunidade de analisar e conhecer um pouco acerca do que é o mito, seus significados, por que foram criados e quais foram estudados em suas muitas formas. Também cabe pensar acerca das correntes psicanalíticas de Freud e Jung (Ruthven, 2010), o Evemerismo⁸, entre outros; além de questões sobre o aspecto sagrado que os mitos carregam, o qual nos lembra que, em algum momento e para algum povo, essas histórias foram uma religião, uma crença.

Esse primeiro estudo acerca dos mitos nos conduz às estruturas míticas na literatura conforme abordadas por Northrop Frye em *Anatomia da Crítica* (2004). Em sua obra, Frye trata de questões como os modos ficcionais, o símbolo, a crítica arquetípica e o *mythos*. Para cada uma dessas questões, dedicamos algumas páginas e uma análise de *O Silmarillion* (2019c), a fim de comprovarmos a existência, nessa obra, de estruturas míticas. Essa fase nos conduzirá

8 Segundo Ruthven (2010), o Evemerismo parte da obra de Evêmero, um siciliano do século IV a.C., que escreveu *História Sagrada*. De acordo com essa teoria, os deuses haviam sido grandes homens de renome na Antiguidade, e um evemerista precisava, apenas, encontrar as datações desses feitos para ancorar tais figuras na história.

pela Floresta das Trevas⁹ e, para que não nos percamos e andemos em círculos, é necessário seguir o caminho feito pelos elfos – o caminho d’O *Silmarillion* (2019c) e das histórias que ele contém.

Sáimos da Floresta das Trevas, com a ajuda dos elfos e de um pequeno *hobbit*, e é importante que tracemos um debate literário-teórico, o qual esperamos que não seja tão perigoso quanto chegar ao lago em barris descendo rio abaixo. Entendemos que *O Silmarillion* (2019c) é uma obra do gênero que chamamos de fantasia, ou literatura de fantasia. No entanto, por se tratar de um gênero relativamente novo, é necessário que discorramos sobre alguns aspectos dele.

Nessa descida vertiginosa em barris – que torcemos que não nos leve à presença de Smaug, o dragão, cercado por suas riquezas e onde facilmente poderíamos perder nossos tesouros – escolhemos os caminhos que nos conduzem, primeiramente, por uma linha cronológica daquilo que entendemos e defendemos como literatura de fantasia, desde suas origens na Antiguidade até as obras dos séculos XX e XXI que compreendemos como pertencentes a esse gênero – como *A Song of Ice and Fire*, de George Martin, série de cinco volumes relida e adaptada para série de televisão, que contou com mais três temporadas além do conteúdo dos livros para encerrar a série; *As Crônicas Vampirescas* de Anne Rice, das quais foram adaptadas obras como *Entrevista com o Vampiro*; além dos livros do

9 Anteriormente chamada de Floresta Verde, ficou conhecida como Floresta das Trevas quando Sauron passou a habitar em Dol Guldur, uma fortaleza criada anteriormente pelos elfos e tomada por Sauron e onde ele reuniu suas forças e tropas para conquistar a Terra-média no final da Segunda Era. Conhecido ali como o Necromante, sua presença trouxe criaturas malignas para a floresta – como aranhas gigantes – e o ambiente passou a ser mal-assombrado.

autor que estudamos aqui, *O Senhor dos Anéis* (2019b) e *O Hobbit* (2019a), por exemplo.

Passando por essa primeira parte do labirinto, chegamos à segunda, aquela na qual discutiremos as características do gênero literatura de fantasia. Nessa Cidade do Lago¹⁰, obtemos ajuda de alguns autores importantes no estudo da literatura de fantasia. Temos, em primeiro lugar, Farah Mendlesohn e sua obra *Rhetorics of Fantasy*, na qual ela discorre sobre quatro tipos de narrativa pertencentes a esse gênero: umbral, imersiva, intrusiva e liminal. Focamos nas duas primeiras, porque entendemos serem elas as categorias nas quais podemos classificar *O Silmarillion* (2019c). Em seguida, analisamos o que duas autoras importantes, Rosemary Jackson (1998) e Lucie Armitt (2005), discorreram acerca do gênero, cada uma a seu tempo e de sua maneira. Elas trataram de aspectos significativos da literatura de fantasia, como a questão subversiva desse gênero e seu ir além dos limites, do horizonte – alcançar a Erebor além do Lago.

Chegamos, então, à quarta parte de nosso labirinto no País das Maravilhas, em nossa jornada rumo a Erebor, na qual analisaremos as funções das histórias de fadas percorridas por Tolkien em seu estudo teórico “Sobre Estórias de Fadas”. Cremos ser essa parte de profunda importância, pois defendemos que o termo utilizado pelo autor, histórias de fadas, relaciona-se às narrativas da literatura de fantasia, isto é, acreditamos serem as duas coisas quase sinônimas: as histórias de fadas são as narrativas da literatura de fantasia, e estas,

10 A Cidade do Lago, habitada por humanos, estava localizada no meio de um lago extenso e largo que percorria seu caminho próximo à Montanha Solitária. É ali que o leitor de *O Hobbit* (2019a) encontra Bard, o arqueiro humano que matará Smaug, o dragão.

por sua vez, ocorrem em Feéria, ainda que Feéria seja esse mundo real e reconhecido por nossos sentidos.

A fim de sair do labirinto e, quem sabe, ainda mantermos nossas cabeças ou não sermos devorados por um dragão faminto, faremos uma tentativa de definir esse gênero, o *fantasy*, ou fantasia. Para isso, utilizaremos autores já mencionados e que nos auxiliaram a passar pelo labirinto para formar uma teoria sobre o gênero no qual classificamos *O Silmarillion* (2019c). Nessa parte, falaremos dessa obra de Tolkien para justificar sua pertença nesse gênero.

Portanto, na saída do labirinto, aplicaremos as ideias que aprendemos nele à obra de Tolkien, fazendo referências especiais a nosso objeto de estudo, embora também façamos uso de outras narrativas tolkienianas, na tentativa de embasarmos a teoria desenvolvida. Nessa parte, poderemos verificar quais aspectos na obra de Tolkien refletem características que a tornam parte desse novo gênero que exploramos, como subversões, funções e o que Lucie Armitt (2005) explora sobre “ir além”, utilizando sua nomenclatura, que é uma das funções mais importantes da literatura de fantasia. Verificaremos também que esse “ir além” de que fala Armitt é muito mais do que viajar para outro lugar que existe apenas nas palavras, é ir além nas próprias palavras, utilizar a palavra para avançar em mais do que um aspecto.

A partir daí, iniciaremos a parte final de nossa jornada – na qual acordamos e derrotamos nosso dragão. Não é nosso objetivo, repetimos, apenas elencar os mitos que são usados por Tolkien. Interessa-nos o pensamento por trás dessa ação – o porquê de tal ato bárdico desse autor contemporâneo. A fim de matar o dragão e retomar Erebor, discutiremos sobre a forma pela qual uma

estrutura mítica em especial está presente em *O Silmarillion* (2019c) – a estrutura narrativa bíblica¹¹. Faremos isso em três aspectos essenciais dessa narrativa: a criação, a queda e a redenção.

Algumas ressalvas devem ser feitas antes de entrarmos no labirinto e na floresta: é claro que há um diálogo com outras mitologias na obra de Tolkien, em especial a mitologia nórdica, e a abordaremos conforme se mostrar necessário. Contudo, no decorrer do estudo e das leituras, pudemos perceber que a narrativa de *O Silmarillion* (2019c) traz alguns aspectos que reproduzem no Mundo Secundário o que acontece na narrativa do Mundo Primário, relatado no livro sagrado dos cristãos – a Bíblia. Notamos, por exemplo, como a criação de Arda reflete a criação descrita no livro de Gênesis, como a queda do homem se dá por meio da audácia e sutileza de uma serpente – a queda dos elfos, em Valinor, reflete a expulsão do homem do Éden e seu exílio fora dele. Há, também, ainda que não tão evidente, a redenção dos povos de Arda, algo que acontece diversas vezes ao longo da narrativa, e há profecias acerca do fim. Lemos, então, na literatura de Tolkien, algo profundo e que reflete esperança de salvação, de um final feliz, uma eucatástrofe, termo cunhado por Tolkien e que podemos ler em sua obra – uma reviravolta jubilosa após períodos de provações e privações.

Ademais, vale a pena ressaltar que *O Silmarillion* (2019c) funciona como uma gênese dos textos que lemos em *O Senhor dos Anéis* (2019b) e *O Hobbit* (2019a). Gênese no sentido de que formam uma espécie de história mitológica na qual se pautam as ações das personagens nessas duas últimas obras – é naquele mundo

11 Esclarecemos que o uso do termo “mito” para descrever as narrativas bíblicas é no sentido de serem narrativas explicativas da cosmovisão cristã (Criação, Queda, Restauração e Consumação), e não no sentido de serem relatos fictícios.

criado, descrito em *O Silmarillion* (2019c), que narrativas posteriores da Terceira Era da Terra-média se passam. Além disso, por meio de uma imersão no gênero fantasia, que, por sua vez, faz uso de uma estrutura mítica, conforme será possível retratar em nosso estudo da obra de Frye, o leitor é conduzido por uma experiência que o leva além – o “ir além” defendido por Armitt (2005).

Por fim, durante as análises feitas, foram utilizadas as traduções mais recentes das obras tolkienianas, a saber, o ensaio teórico “Sobre Estórias de Fadas” (2020b), publicado na obra *Árvore e Folha, O Silmarillion* (2019c), *O Senhor dos Anéis* (2019b), publicado em forma de box, sendo as páginas dos três volumes numeradas em sequência a partir do anterior, *O Hobbit* (2019a), e *Contos Inacabados de Númenor e da Terra-Média* (2020a).



Fantasy e mito em O Silmarillion de J. R. R. Tolkien conduz o leitor por uma das obras mais densas e fascinantes do legendário criador da Terra-média. Mais do que um estudo literário, este livro revela como Tolkien construiu uma verdadeira mitologia moderna, entrelaçando elementos bíblicos, ecos das tradições nórdicas e reflexões universais sobre criação, queda e redenção.

O diferencial desta obra está em unir profundidade acadêmica a uma linguagem clara e instigante. Conceitos de pensadores como Northrop Frye, Mircea Eliade e Joseph Campbell são apresentados em diálogo com as personagens e os enredos de *O Silmarillion*, mostrando como a fantasia vai além da imaginação ao resgatar arquétipos, simbolismos e estruturas narrativas que permeiam a história da humanidade.

Ao explorar heróis como Beren e Lúthien, tragédias como a de Túrin Turambar e o sopro criador do Ainulindalë, o livro expõe que a fantasia tolkieniana não é simples entretenimento, mas um espaço de reflexão sobre esperança, destino e sentido da existência. Tolkien chamava isso de eucatástrofe: a súbita reviravolta que devolve ao leitor a fé em um final feliz.

Seja você um apaixonado pela obra tolkieniana, um estudante da literatura fantástica ou alguém que busca compreender por que os mitos ainda falam tão fortemente ao coração humano, esta leitura oferece um caminho instigante e revelador – um convite para descobrir como, nas palavras de Tolkien, a fantasia pode nos levar a mundos mais verdadeiros do que aquele em que vivemos todos os dias.



Editora
Mackenzie

mackenzie.br/editora



ISBN 978-65-264-1213-8